



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  
PRESIDÊNCIA  
DA REPÚBLICA

17 DE DEZEMBRO  
CLUBE NAVAL  
BRASÍLIA-DF

DISCURSO DURANTE ALMOÇO  
ANUAL OFERECIDO PELAS FOR-  
ÇAS ARMADAS AO SEU COMAN-  
DANTE SUPREMO

**Meus Camaradas:**

O almoço anual das Forças Armadas ao seu Comandante Supremo representa, para mim, a oportunidade de restabelecer, embora por pouco tempo, o convívio fraterno com amigos e companheiros de tantas décadas.

Companheiros que pautaram sua formação profissional por princípios e regras de conduta forjados ao longo dos anos. Regras e princípios que, nunca é demais repetir, têm por finalidade infundir nos militares sua virtude suprema: o reconhecimento da primazia dos deveres sobre os direitos.

Essa identidade na formação, e a unidade e coesão dela decorrente, caracterizam as três Forças como uma só família. As cores diferentes dos nossos uniformes simbolizam a diversidade nos encargos setoriais de cada Força. Mas não nos deveres e nas responsabilidades.

A esses sentimentos deve-se a camaradagem exemplar, apanágio das Forças Armadas; e, na verdade, origem de sua verdadeira fortaleza. Não admira, portanto, que

a unidade nos propósitos, entre marinheiros, soldados e aviadores, seja o primeiro objetivo a ferir por todos quantos desejam atingir a Nação.

Ora, os interesses superiores do Brasil continuam a exigir a convergência e o conagraçamento de todas as suas partes. A solidariedade fraterna entre os brasileiros — fenômeno normal entre os que vestem uniforme — é absolutamente necessária à continuidade do processo de desenvolvimento nacional. A transformação de nossas decantadas potencialidades em realidades presentes só poderá fazer-se em clima sereno, livre de paixões sectárias.

Quero dizer: cada pessoa investida de liderança — política ou social, civil, militar ou religiosa — há de ter a solidariedade como dever primeiro. Não falo de unanimidades incompatíveis com sociedades livres e pluralistas, mas de colaboração consciente, por cima das divergências naturais.

De participação responsável, sem renúncia às convicções pessoais.

Da concriação de uma sociedade mais democrática, mais justa, mais igualitária.

De juntar as mentes e combinar esforços. E multiplicar resultados. Para construir. Não para demolir. Para somar. Não para dividir. Para fortalecer o Brasil.

Não para enfraquecê-lo.

E enfraquecido ficaria inevitavelmente nosso País, se prevalecesse a desunião, o desacordo estéril, a negação sistemática. A má vontade perpétua dos que nada querem e só enxergam através da torturada deformação de posições preconcebidas. A esses falta a visão de conjunto do

bem da Pátria — nossa ambição suprema e motivação permanente — que nossos chefes tão bem souberam incutir em nossos espíritos e em nossas mentes.

Nesse contexto, cada qual deve ter consciência de suas responsabilidades históricas. De mim, bem conheço as minhas. A ninguém as transfiro. Delas não abduco. Fortalecido pelas quatro décadas de convívio com meus irmãos de uniforme, reafirmo que a elas corresponderei, custe o que custar.

Para mim, essas responsabilidades são de límpida clareza: nossa missão iniludível — cuja glória é sua própria magnitude e dificuldade — é promover o bem-comum. O bem de todos. O bem do Brasil.

Só isso. O que é tudo.

Bem conheço os obstáculos e dificuldades à nossa frente — internos e externos. Mas o conhecimento me revigora o espírito. Pretendo continuar a enfrentá-los e arrostá-los, com confiança e ânimo forte.

E vencê-los um a um, no menor espaço de tempo possível, como reconhecidamente vimos fazendo.

No campo político, muito já conseguimos a fim de tornar efetiva a realização do ideário da **Revolução de 64**. Esses compromissos se resumem na promessa jurada de fazer deste País uma democracia da qual nossos filhos possam orgulhar-se.

Portanto, pacificada a família brasileira, pela anistia, procuramos melhorar a representação política, através da reforma partidária. Seis novos partidos sucedem aos dois antigos.

No campo social, o governo brasileiro desenvolve um programa intenso de realizações — no extremo limite dos recursos à disposição dos órgãos e entidades do setor. Temos vitórias notáveis a assinalar.

Cito, como exemplo, a vacinação de mais de 20 milhões de crianças, contra a paralisita infantil. Foi uma gigantesca operação, sem precedente no mundo. Mas, graças a ela, o número de casos de poliomielite notificados às autoridades está agora treze vezes abaixo da média dos últimos anos.

Para nós, a manutenção da paz social é mais que preocupação permanente. É condição de progresso. Requisito básico para o nosso desenvolvimento.

Por isso, foi possível elevar a 21 milhões os segurados da previdência social urbana. Com suas famílias, são 90% da população urbana a receber atendimento.

O sistema de habitação já fez quase 3 milhões de financiamentos.

Nossas escolas e faculdades abrigam 26 milhões de estudantes de todos os níveis.

E nos dezesseis anos de governos revolucionários o número de pessoas empregadas passou de 24 para 44 milhões.

É certo porém que aos detratores habituais só interessa ver os nossos três grandes problemas: a inflação, o balanço de pagamentos e a energia. Tratam deles como se não fossem interdependentes. Ou como se tivessem acontecido por vontade ou incompetência dos brasileiros. E esquecem sempre de reconhecer as soluções já em prática ou a caminho.

A crise do petróleo criou dificuldades quase insuperáveis ao próprio funcionamento normal de nossa economia. Foi então que a nossa condição de país tropical, tão malsinada no passado, como obstáculo a civilizações modernas, veio justamente em nosso socorro. Com imaginação, encontramos soluções brasileiríssimas para nossa carência notória de petróleo.

Ao lado da energia hidrelétrica, na qual realizamos obras ímpares, e do carvão mineral — em condições de substituir o óleo combustível na maioria de nossas indústrias — as terras tropicais, banhadas de sol, nos proporcionam enorme variedade de biomassas — fontes renováveis de energia de inestimável valor.

A exploração desses recursos, em escala compatível com nossa demanda, vai-se alcançando paulatinamente. Resultados plenos e positivos ou já são realidades, ou estão à vista.

Entrementes, continuamos a crescer em meio a problemas que não são só nossos. Esta passagem de ano marcará um reencontro dos brasileiros com certas virtudes tradicionais da nossa gente.

Precisamos produzir mais, utilizando melhor os mesmos fatores de produção.

Poupar mais. Precisamos de poupança interna adicional, para diminuir nossa dependência dos capitais externos.

Precisamos eliminar os desperdícios e as coisas supérfluas.

Produzir e poupar, para exportar.

Maiores exportações nos darão meios para adquirir o petróleo e os outros bens e serviços de que ainda necessitamos, e para saldar a nossa dívida externa.

Não desejo só aplausos. Mas espero críticas construtivas. Quer dizer: não basta condenar. Nem desfiar um rosário de objetivos bem intencionados — mas frequentemente contraditórios, irrealísticos ou impossíveis.

Desejo e peço soluções objetivas para problemas conhecidos. Muitos deles não são de hoje, mas velhos de séculos.

Por isso, desde os primeiros instantes de meu governo, estendi a mão aos oposicionistas. Desejo o diálogo capaz de mais facilmente levar à solução dos nossos problemas. Mas um diálogo franco e aberto. Pois diálogo não é dizer previamente o que se quer e esperar que a outra parte concorde.

Diálogo há de entender-se na acepção mais simples do termo: falar e ouvir.

Nesta hora de confraternização, tenho bem clara a noção do papel das Forças Armadas, no país de dimensões continentais que é o Brasil. Não são instrumento de conquista. São, sim, fator de paz e de concórdia.

Por isso não temos guerras. Ao contrário, empenhamo-nos em abrir caminhos e lançar pontes para maior aproximação com nossos vizinhos. Para a cooperação construtiva. Para a complementação de recursos, o intercâmbio de tecnologia e o aproveitamento das potencialidades de todos.

Com o processo de abertura, cumprimos um compromisso fundamental da Revolução. Voltam agora as Forças Armadas ao desempenho exclusivo — e cada vez mais fecundo — do papel que lhes incumbe nos quârtéis. Guardiãs da independência e fiadoras da incolumidade nacional, sua ação se processa dentro dos preceitos constitucionais.

Sua filosofia e seus parâmetros são os fixados para a Nação brasileira pelos seus fundadores, sob a égide do cristianismo. Com tal, as Forças Armadas são participantes responsáveis da construção do presente e da preparação do futuro. Desse futuro sairão as gerações de jovens destinados à renovação de seus quadros, indissociável da natureza permanente de suas funções.

### Meus Companheiros,

Sou, antes de tudo, um soldado. Circunstâncias excepcionais, com as quais nunca sonhei, conduziram-me sem apelação a esta posição altamente honrosa. Honrosa, mas pontilhada de espinhos. Honrosa, pela grata oportunidade de desdobrar-me em favor do Brasil e dos brasileiros.

Exerço o cargo em obediência a um chamamento. Portanto, sem apego ao poder. Preocupado só com o bem da Pátria, como nos ensinaram.

Sinto-me particularmente feliz de poder compartilhar esta hora de tanta emoção com velhos companheiros, antigos instrutores, jovens alunos, outros tantos cadetes. Nesse contexto, desejo fazer referência especial ao nosso querido ministro Walter Pires, já inteiramente restabelecido, e que esperamos de volta, nos próximos dias, ao posto de que foi compelido a afastar-se temporariamente.

Agradeço aos companheiros de farda a alegria desta convivência fraterna plena de reminiscências, umas de insuperável alegria, outras de saudade, como é tudo na vida.

Com o pensamento voltado para Deus, rogo sua proteção para este vasto e populoso país cristão.

E formulo a cada um dos presentes os meus melhores votos de um feliz Natal e próspero Ano Novo, junto com suas famílias que, sei por experiência própria, são outros tantos exemplos de dedicação abnegada.

Muito obrigado.